

As Representações Festivas da Malha do Pão Como Contributo Para a Valorização da Educação

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.22>

Simone dos Prazeres

Unidade Técnico Científica Desporto e Expressões, Escola Superior de Educação,
Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda, Guarda, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-6436-758X>
simonedosprazeres@ipg.pt

Resumo

Este ensaio procura perceber em que medida as representações festivas da malha do pão contribuem para a valorização da educação. Até ao início do século XX a malha do pão, ou malhada, era o ponto alto de todo um processo do qual resultava o grão, fonte de sustento e gerador de economia. Este processo que se estendia ao longo de 2 anos, todo ele processado de forma manual, ao ser substituído pela mecanização deixou de ser praticado; no entanto, passadas décadas, tornou-se objecto de representações festivas. O processo moroso de todo o ciclo do pão, culminando na sua malha, refletia hábitos culturais que não se querem fazer esquecer, reafirmando-se através de representações festivas. Neste sentido, através de pesquisa bibliográfica, este texto analisa a importância destas representações como património educativo, verificando que há uma ramificação de todo um conjunto de patrimónios imateriais que espelham uma diversidade cultural e saberes educativos cuja partilha vivenciada valoriza a educação. Neste sentido, as representações da malha do pão são uma etnografia corpórea e efémera da história de uma cultura que se transmite não só à comunidade, mas que se estende ao mundo, enfrentando a globalização e a mecanização. Uma educação da tradição para a tradição, na qual são preservados valores e tradições culturais.

Palavras-Chave

malha do pão, festividades, representações, educação

Introdução

A omnipresença da educação dá-se num património educativo que atesta uma continuidade de si mesmo desde os seus produtores iletrados – passado – até aos seus herdeiros instruídos – nós. Daí a tarefa de o conservar, preservar e mesmo resguardá-lo para que também o transmitamos (Davallon, 2003). É à luz destas ideias que nos surgem as representações festivas de um *savoir-faire* já extinto: a malha do pão.

A malhada ou malha do pão – prática sazonal – era a última das etapas de um longo processo, do qual resultava todo um sustento (essencialmente económico) – o grão –, tal como nos relata, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Para o Adiamento da Agricultura, Das artes, e da Industria em Portugal, e Suas Conquistas*, Siqueira (1815):

a Colheita do grão he o ultimo serviço do Lavrador, ella faz o premio, e recompensa de todos seus trabalhos antecedentes, e gastos de lavouras, e sementes; a colheita he o objecto da esperança, e cuidado do Lavrador, durante huma grande parte do anno (...); ella dá fartura de pão barato aos povos. (p. 1)

O autor salienta ainda que:

ninguem ignora estas verdades, e por isso parece, que todos devem considerar, que n'uma Economia Rural, bem entendida, devem procurar-se todos o meios, não só de sustentar a abundancia, mas de facilitar a colheita do pão, a qual se reduz a dous serviços, que são a ceifa, ou cega do pão, ou ceiras, e a debulha, ou a malha do grão. (Siqueira, 1815, p. 1)

Esta prática milenar começa a decair na época que Saruga (2002) denomina de “mecanização”, ou ainda de “motorização parcial”, durante a qual os animais de tiro ainda não tinham sido totalmente substituídos pelas máquinas, isto é, finais do século XIX, inícios do século XX. Torna-se “evidente que os aspectos comunitários da vida agrícola e pastoril, sobretudo os trabalhos colectivos realizados por ranchos ruidosos e alegres de rapazes e raparigas, são agora desnecessários, face às inovações e tecnologias acontecidas nas últimas décadas” (Serra, 2004, pp. 14–15). Com o tempo, dão lugar às máquinas o árduo, mas alegre trabalho que chegava a durar 1 semana, que juntava gerações, que refletia a interajuda no seio das comunidades, que promovia bailes ao serão, que era uma festa.

A Festa e o Seu Tempo

Importa, neste ponto, clarificar o conceito de *festa*. Não há estudo que nos possa revelar quando ou onde surgiu a festa, mas o certo é que emergiu junto com a humanidade porque estava em potência nela. Contudo, só se revelou no ato do ajuntamento do ser humano com os seus semelhantes, pois é este encontro que faz girar a chave mestra da dimensão festiva que, na sua aceção mais básica, implica a “reunião de pessoas de carácter informal ou solene, em espaço público ou privado” (Houaiss,

2003, p. 1727). A festa é uma linguagem de celebração comum a todos os participantes e resultado de um conjunto de saberes múltiplos que se complementam.

O tempo festivo está diretamente ligado à identidade e à memória coletiva devido à sua própria intemporalidade, pois é através desta que subsiste até aos nossos dias, ultrapassando as barbáries, chacinas, holocaustos, repressões, e a mudança cultural, entre outros, para assim haver uma “reafirmção da cultura como força propulsora de processos civilizatórios integradores” (Ferreira, 2001, p. 13). Esta força é em parte o segredo da sua sobrevivência, pois como poderia a festa reafirmar-se ao ponto de nunca perecer? Nascimento (2006), em jeito profético, responde a esta nossa questão dizendo

que convém à festa mais o paradigma do peregrino que viaja com intencionalidade de chegar ao destino e de regressar renovado do que a figura do meliante ou do turista que se passeiam em busca de sensações efémeras, sempre epidérmicas. (p. 22)

Etérea, ela não tem tempo, mas sim ritmo, propulsor da periodicidade que perpetua a vida festiva – ou a renovação do peregrino. Como tal, o exemplo mais óbvio será um simples lembrar da nossa existência uma vez ao ano, ou ainda a missa de domingo, que semanalmente recorda aos fiéis a Páscoa e o propósito da sua fé. É através destes aspetos que a festa parece identificar-se com o tempo, mas antes parece ser com o próprio veículo impulsionador de quem depende – o ser humano – que ela se funde, tal como salienta Teixeira (2010): “a periodicidade das celebrações festivas deve adequar-se à escala temporal do homem, na qual a principal função de escandir o tempo pertence, por motivos óbvios, ao ciclo anual” (p. 20). Afinal, o tempo da festa é o do ser humano.

	Decrua	Estravessar	Sementeira	Arique	Monda	Ceifa	Malha
Janeiro	x	x		x			
Fevereiro		x		x	x		
Março		x		x	x		
Abril		x			x		
Maiο		x			x		
Junho		x			x	x	
Julho		x				x	x
Agosto		x	x				x
Setembro			x				x
Outubro	x		x	x			
Novembro	x			x			
Dezembro	x			x			

Tabela 1
Fases do grão: da preparação da terra à malha do grão.

Toda a vivência circunscrita à malha do pão, que se estende ao longo do ano pelas suas várias fases (Tabela 1), atravessa o ciclo anual, que está subdividido em quatro ciclos de igual duração: a primavera, o verão, o outono e o inverno.

A malha do grão resulta no auge deste processo anual, ditando o fim de uma etapa pejada de trabalho comunitário e, no entanto, acompanhada de momentos festivos como, por exemplo, nas ceifas que “eram um concerto de cantorias” (Aluap, 2011, para. 1) onde os “trabalhadores cantavam cantigas populares que acompanhavam o ritmo dos braços” (Cabral, 2016, para. 11). No total, o processo que culminava na malha estendia-se ao longo de 2 anos, estando sempre sujeito aos caprichos meteorológicos e sazonais, que acabavam por ditar o início de cada um dos seus passos. Daqui facilmente deduzimos que é a natureza quem dita o tempo ao ser humano, o qual, ao despegar-se da sua natureza telúrica, procura nas representações festivas um regresso àquela. Assim, “participar na festa significa participar na ressurreição do estado de natureza ou de pré-natureza” (Teixeira, 2010, p. 21), isto é, um “retorno periódico às origens” (p. 20) ou até do que possa estar para lá delas.

Esta extinção de uma prática milenar arrebatada a memória coletiva que vive da renovação de remotas heranças, e faz brotar assim uma anamnese daquilo que existiu para ser experienciado através de representações. Neste caso em particular: a representação da malha do pão.

Da Performance Festiva da Representação da Malha do Pão à Performance Educativa

De cariz alegórico, as representações da malha do pão surgem de forma aparente como modo de valorização do património, uma vez que as podemos considerar como festejos nupérrimos, tais como o são agora a maioria das festas temáticas. Já os seus objetivos aliam-se para que o propósito do festejo tenha uma finalidade educativa, pois segundo Fournier (2007) as festas temáticas têm propósitos comerciais, estéticos e identitários, que ao serem combinados apresentam, de forma pedagógica, o reflexo de territórios e culturas locais que se abrem a uma sociedade global.

As festividades, incluindo as representações da malha do pão, são uma área de estudo da etnografia, onde estudos como o de Barboff (2004) ou ainda de Marques (2015) se prendem com a recolha de dados históricos sem, no entanto, irem ao encontro do aspeto educativo que a revelação (ou recordação) de tais práticas pode suscitar. No entanto, a dimensão educativa que envolve os estudos etnográficos é infinita: estes ficam registados para quem deles queira usufruir e transmiti-los oralmente a quem os queira ouvir; assim se perpetua o fruto de uma determinada cultura, pois “a história de vida individual de cada pessoa é, acima de tudo, uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração” (Benedict, 1934/2000, p. 15). Neste sentido, as representações da malha do pão são uma etnografia corpórea e efémera da história de uma cultura que se transmite não só à comunidade, mas que se estende ao mundo, facejando a lobotomia da globalização.

Segundo Vasconcellos (1986), “uma boa educação consta de três partes: educação física, moral e intelectual; ora para todas elas as tradições populares oferecem temas variados” (p. 31), salientando ainda que as tradições populares têm um valor prático pela sua aplicação à educação, uma vez que as crianças têm uma afeição particular e natural por aquilo que conhecem. Deste modo, urge elucidar a importância que estas representações têm na educação e difundir esse conhecimento.

Por mais que as novas tecnologias ou grandes pensadores tentem revolucionar a educação, a demanda educativa irá sempre beber ao passado, porque “educação significa enriquecer as coisas com significados” (Dewey, como citado em De Massi, 1999/2001, p. 62). Embora de discutível interesse, pois *coisas com significados* são questionáveis na medida em que podem significar mais a uns do que uns outros, focar-nos-emos nesses *significados*, deixando de lado ambiguidades semânticas: como pode a educação enriquecer algo que de si já tem valor? Poderá sequer fazê-lo? Não será mais frutífero afirmar o contrário: algo que de si já tem valor pode sempre enriquecer a educação? Considerando as representações festivas da malha do pão como coisas com significado, são, na nossa opinião, a poética de tradições populares, nas quais se manifestam as formas arcaicas de processos naturais que a modernidade tem vindo a deglutir. No entanto, não podemos negar, hoje em dia e globalmente, o valor que tem o património – principalmente o imaterial –, bem como a sua implícita e estreita ligação à educação e às comunidades:

o património cultural imaterial constitui um conjunto vivo e em permanente recriação de práticas, de saberes e de representações, que permitem aos indivíduos e às comunidades, a todos os níveis sociais, exprimir formas de conceber o mundo através de sistemas de valores e pontos de referência éticos. Abarca as tradições orais, os costumes, as línguas, a música, a dança, os rituais, as festividades, a medicina e a farmacopeia tradicionais, as artes da mesa e os *savoirs-faire*. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2002, como citada em Derèze, 2005, p. 50)

Com isto, vemos que há uma ramificação de todo um conjunto de patrimónios imateriais que espelham uma diversidade cultural, indo ao encontro do pensamento de Brandão (1993), quando este nos diz, a respeito da educação, que:

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com um ou com várias: educação? Educações. (p. 1)

Percebemos assim que as representações festivas da malha do pão como património cultural imaterial envolvem quem delas comunga numa relação de ensino-aprendizagem para que tradições extintas perdurem.

Conclusão

O pão que era, e ainda é, a base de toda a alimentação, demorava 2 anos a ser obtido – um processo que refletia hábitos culturais que não se querem fazer esquecer, reafirmando-se através de representações festivas.

Estas representações, que ocorrem sempre em meios rurais e no verão, muitas vezes aquando das festividades locais, são executadas pelos habitantes, por uns que ainda vivenciaram a experiência quando jovens e por outros que assim os aprendem. De salientar que são anos de lavoura que se estendem ao longo de etapas sincronizadas com a natureza e que se condensam num momento onde comunidade e público partilham saberes extintos. É esta partilha vivenciada que valoriza a educação feita numa festividade como a da representação da malha do pão. Uma educação da tradição para a tradição, na qual são preservados valores e tradições culturais. Neste sentido, as representações da malha do pão são uma etnografia corpórea e efémera da história de uma cultura que se transmite não só à comunidade, mas que se estende ao mundo, transformado pela mecanização e a globalização. Estas festividades, além de manterem uma tradição viva, fomentam a troca de conhecimentos intergeracionais, entre os participantes e o público, educando informalmente os mais e menos jovens.

Referências

- Aluap. (2011, 22 de junho). Aquilo que antes era importante, hoje está fora de moda. Longe vão os tempos em que [Comentário no post do blogue "Tarefas nas lages/eiras comunitárias (2)". *BlogDosForninhenses*. <http://onovoblogdosforninhenses.blogspot.com/2011/06/tarefas-nas-lageseiras-comunitarias-2.html?showComment=1308757526138#c7211311710781476786>
- Barboff, M.-G. (2004). *Le pain des femmes: "O pão legítimo"* [Tese de doutoramento, École des hautes études en sciences sociales].
- Benedict, R. (2000). *Padrões de cultura* (A. Candeias, Trad.). Livros do Brasil. (Trabalho original publicado em 1934)
- Brandão, C. R. (1993). *O que é educação*. Brasiliense.
- Cabral, J. (2016, 8 de fevereiro). As ceifas em Portugal. *PORTUGALd'antigamente*. <https://portugaldeantigamente.blogs.sapo.pt/as-ceifas-em-portugal-10818>
- Davallon, J. (2003). Introduction. *Culture & Musées*, 15-18. <https://doi.org/10.4000/culturemusees.692>
- De Massi, D. (2001). *O futuro do trabalho - Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial* (Y. A. Figueiredo, Trad.). Fósé Olympio. (Trabalho original publicado em 1999)
- Derèze, G. (2005). De la culture populaire au patrimoine immatériel. *Hermès, La Revue*, (42), 47-53.
- Ferreira, M. N. (2001). *As festas populares na expansão do turismo: A experiência italiana*. Arte & Ciência.
- Fournier, L. S. (2007). La fête thématique, nouveau visage de la fête locale en Provence (France). *Recherches Sociologiques et Anthropologiques*, 38(2), 165-174. <https://doi.org/10.4000/rsa.474>
- Houaiss. (2003). *Dicionário da língua portuguesa*. Temas e Debates.
- Marques, F. (2015). *O ciclo do pão alvo*. Edições Vieira da Silva.

Nascimento, A. (2006). A festa: Entre exuberância e celebração. In C. G. Silva (Ed.), *História das festas* (pp. 9-22). Edições Colibri.

Saruga, F. (2002). Evolução da mecanização agrícola. *Voz da Terra*, (24), 17-26.

Serra, M. C. (2004). *Jogos tradicionais ao serão e na taberna*. Edições Colibri; Escola Superior de Educação da Guarda.

Siqueira, J. P. F. de. (1815). Memória sobre a introdução das gadanhas alemãs, e flamenga em Portugal. In *Memórias económicas da academia real das sciencias de Lisboa, para o adiamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas* (Tomo V; pp. 1-5). Academia de Ciências de Lisboa.

Teixeira, J. (2010). Festa e identidade. *Comunicação & Cultura*, (10), 17-33. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2010.541>

Vasconcellos, J. L. (1986). *Tradições populares de Portugal*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.